

D. BRAZIL, M. COULTHARD & C. JOHNS. **Discourse Intonation and Language Teaching**, London: Longman, 1980, 205pp.

O livro apresenta uma abordagem inteiramente nova da entoação do inglês. A descrição não se prende à função gramatical nem à atitude/sentimento do falante, mas propõe-se, como vem dito no prefácio, a mostrar a contribuição que a entoação faz ao valor comunicativo do ato da fala, em termos do que o falante julgue que seu enunciado contenha 'informação nova' para seu interlocutor ou 'informação compartilhada' com ele. Assim, a entoação é parte do discurso e sua análise faz parte, portanto, da análise do discurso, isto é, da interação entre o falante e seu interlocutor no contexto das situações em que se encontrem.

Nos capítulos 1 a 6, são explanados os quatro sistemas de opções que compõem o sistema maior da entoação do discurso. São eles: o da proeminência ('prominence'), o de tom ('tone'), o do nível tonal ('key') e o do nível terminal ('termination'). As opções feitas em cada sistema realizam-se simultaneamente dentro dos limites da unidade estrutural da entoação: o grupo tônico ('tone unit'). Definindo cada sistema de maneira muito simplificada, podemos dizer que: (1) o sistema de proeminência tem uma função seletiva, destacando os elementos de informação; (2) o sistema de tons tem a função de indicar basicamente a qualidade da informação, isto é, se a informação contida em cada grupo tônico é tida pelo falante como informação nova para seu interlocutor ou informação compartilhada com ele; (3) o sistema de nível tonal acrescenta outro tipo de indicação: se for alto, indica contraste, se for médio, indica acréscimo, e se for baixo, indica equivalência — estas relações se estabelecem entre um grupo tônico e o precedente; (4) finalmente, o sistema de nível terminal tem a função, não retrospectiva como a do sistema (3), mas prospectiva, já que sua relação é com o grupo tônico seguinte — também se realiza em três níveis: o alto, criando a expectativa de confirmação em nível tonal tam-

bém alto, o médio, criando a expectativa de concordância em nível tonal também médio, e o baixo, que não cria expectativas, podendo ser usado para pôr fim a um assunto ou conversa.

O capítulo 7 é dedicado à aplicação da teoria entoacional do discurso à leitura oral. Ao ler um texto para alguém, o leitor pode fazê-lo de duas maneiras: pode interpretá-lo como se estivesse falando ao ouvinte, transmitindo-lhe o que o texto significa, ou pode colocar-se fora do texto, agindo como intermediário, transmitindo-lhe o que o texto diz. Há uma distinção teórica fundamental entre estes dois tipos de leitura. No primeiro tipo, de **orientação direta**, a leitura é orientada para o ouvinte, baseando-se o leitor nas suposições que faz sobre os conhecimentos comuns nos dois e, portanto, usará os tons segundo essas suposições; no segundo tipo, de **orientação oblíqua**, a leitura é orientada para a linguagem do texto apenas. É neste último tipo que usará com freqüência o tom neutro, ligeiramente ascendente, para indicar que o término do constituinte sintático no grupo tônico não representa um ponto final — o envolvimento do leitor neste tipo é mínimo. O envolvimento máximo do leitor se dá, por exemplo, quando lê histórias para uma criança, embora o valor informativo da leitura seja baixo devido ao fato da história já ser normalmente conhecida dos dois. A orientação oblíqua não se restringe, contudo, à leitura. Está presente também na sala de aula: nas atividades repetitivas, tais como **drills** e instruções aos alunos.

No capítulo 8, os autores fazem uma comparação da nova abordagem com duas outras descrições conhecidas, a de O'Connor e Arnold e a de Halliday. Não o fazem com o intuito de rejeitá-las, mas de reinterpretá-las à luz do novo modelo.

O capítulo 9 tem o título "Entoação e o Ensino de Línguas". Aborda vários temas relacionados ao tópico geral. Merecem destaque as críticas feitas aos livros didáticos que não tratam de nenhum aspecto da fonologia segmental ou suprasegmental, tais como *Kernel Lessons*, *English in Situations*, *Mainline* e *Strategies*. São igualmente criticados os que tra-

tam da entoação esporadicamente, como English 901 e Modern English. É dado apenas um exemplo de livro didático em que a entoação recebe um tratamento sistemático, Success with English. Fica clara a posição dos autores quanto ao lugar que a entoação deve ocupar em um curso de língua. Preconizam que a descrição completa da entoação, segundo um modelo adotado, seja dada separadamente do restante do programa de língua. Apresentam argumentos convincentes para mostrar a necessidade do ensino sistemático da entoação.

Outro aspecto a ressaltar é a recomendação de que o ensino da entoação não se limite a exercícios puramente fonéticos, isolados de um contexto, uma vez que o significado da entoação é dele inseparável. Há indicações interessantes para a elaboração de um programa de ensino da entoação segundo o princípio de que o que é de mais fácil aprendizagem deva vir primeiro, sendo o grau de complexidade aferido com base no número de regras a serem aplicadas simultaneamente. A sequência pedagógica sugerida tem nove estágios, os quais poderão ser adaptados às necessidades e peculiaridades dos alunos. Além disso, são indicados tipos de exercícios.

O capítulo e o livro terminam enfatizando a necessidade da inclusão do estudo da entoação de forma sistemática nos programas de formação de professores de inglês.

Os autores, inegavelmente, cumprem o prometido no prefácio: o trabalho é uma valiosa contribuição para a compreensão do papel da entoação no discurso. Prevejo que o livro se torne um instrumento indispensável a professores de línguas e a estudiosos desse campo tão complexo da fonologia.

**NOTA:** Os termos técnicos em português são retirados ou adaptados da descrição da "Entoação Oracional", em **Gramática da Língua Portuguesa**, Celso Ferreira da Cunha, Rio de Janeiro, FENAME, 1977, pp.173-83.

ROSA W. KONDER

Departamento de Língua e Literatura  
Estrangeiras - Universidade Federal  
de Santa Catarina.